

Notas do tempo

Uns dias de férias, depois do sono em dia e do relaxe que a mudança de ritmo habitual torna possível, são oportunos a um tempinho de leitura que o frenesim da vida não permite.

Folheio a Imprensa, revistas... e fico triste: com o vazio que se estampa em tantas delas; com o atrevimento de alguns escritos reveladores de nenhum conhecimento vivencial do que se escreve; com um humor rebuscado na grosseria e na torpeza, que humor autêntico é dom tão nobre e raro que dificilmente alimentará a periodicidade; com a desonestidade, até, de quem traduz um texto bíblico em teor fatalista que a Palavra de Deus nunca tem, Ela, sempre, mensagem de Esperança.

Da maioria nos fica um resíduo negativo — como se a vida não fosse rica de valores, mesmo com a má gestão que lhes fazemos e os desvalores que introduzimos, frutos de banalidade e de fraqueza, mais, decerto, que de maldade querida. Nós acreditamos na bondade do Homem!

Ao lado deste correr os olhos sem horizonte, duas consoladelas. A primeira, carta longa de um dos nossos na plenitude da vida, recebida nos últimos dias do turbilhão e guardada, propositadamente, para saborear nesta oportunidade.

Nasceu com ele a arte de escrever. Ligeiro que fosse o assunto... bastava para o prazer que nos deixa a prosa linda que flui com a espontaneidade de água nascida na montanha. Mas ele não tem tempo nem vocação para a ligeireza. Mais que das provações sofridas, é a sua alma inquieta e reflexiva a produzir a corrente, com amargos e doçuras que dão gosto à vida e fazem da sua mensagem um regato que satisfaz sedes de beleza e de intimidade.

São raros, mas não é único este correspondente. Curiosamente, os outros são quase todos da mesma geração. Uns estão perto, outros longe. Aqui não conta o «longe da vista...»! É a maturidade que o tempo dá, o que nos aproxima. A distância, às vezes, até funciona ao contrário. Quanto mais longe... O Canadá, por exemplo, já foi mais próximo do que é Lisboa. Que saudades!

A segunda consoladela vem-nos de um relatório — vejam lá!

O Igor frequenta, com alguns outros, hora e meia por semana de ensino especial, do que a sua Monitora presta contas assim:

«Senhor Padre Amigo

Creio que, quando repara em mim, eu lhe pareço um menino mais confiante, mais aberto, mais risonho.

Parece-me que começo a acreditar que, afinal, sou capaz de aprender como tantos outros meninos.

Exemplo do que acabo de afirmar, são os meus olhos expressivos porque querem dizer que já sei ler e escrever algumas frases muito simples, é certo, para as pessoas crescidas, mas ainda complicadas para quem está a iniciar. É assim ou não é, Senhor Padre?

Continua na página 3



Em Moçambique, a Aldeia que estamos a erguer é o sinal.

MOÇAMBIQUE

Construimos o presente e preparamos o futuro

MOÇAMBIQUE terra de contradição! Paraíso perdido, delapidado.

A terra deseja produzir, mas os braços cruzam-se. As árvores que-rem dar fruto, mas os homens cortam-nas para lume.

Caim e Abel travaram luta. O sangue correu. As feridas são muitas. Os golpes profundos.

Mas ninguém parece ligar importância. A vida é serena, alegre,

buliçosa, desorganizada. O futuro não parece ser preocupação. O presente basta.

Preparar melhores dias não é prioridade. Vive-se estoicamente nas cidades, no campo. Ontem já foi. O amanhã ainda não existe. Importa viver o hoje, o agora.

Mas o presente é ameaçado pelas variantes do plasmódio que gera o paludismo, a malária. É traído pela tuberculose disseminada em larga

escala, bem como pela sida avassaladora. E o futuro é miragem que só a saúde, a cultura e o trabalho poderiam ajudar a cumprir nestas paragens austrais.

Somos um oásis. Assumimos o passado destes rapazes e populações vizinhas. Construimos o presente com muito trabalho e assim preparamos o futuro. A Aldeia que estamos a erguer é o sinal.

Padre Baptista



João Evangelista Loureiro

Um grande educador português do século XX

LANÇAMENTO DUM NOVO LIVRO

Na palavra dum professor em Ciências da Educação, na Universidade de Aveiro, «este livro é a síntese à qual o Autor pôs um título que pode permitir duas abordagens para uma obra educativa que perdura, cada vez mais actual.

Mostra, por um lado, o educador português que levou mais longe a pedagogia da liberdade sem opor autoridade e liberdade: um educador, pai compreensivo e bondoso, que gera confiança; um educador, orientador, referência visível que nada impõe, deixando que os irmãos se ajudem uns aos outros, que cada um descubra e percorra o seu caminho para o bem sabendo que pode não o fazer, no desafio constante da liberdade e responsabilidade apoiadas na relação familiar.

Por outro lado, mostra o percurso do homem Padre Américo, chamado Pai por tantas crianças e jovens abandonados. Um homem que descobriu o mais importante da vida e da educação. E, sem receitas nem metodologias, deixa uma Obra e um pensamento que não podemos ignorar.

Os Leitores poderão solicitar a nova obra no postal RSF (resposta sem franquia) que introduzimos n'O GAIATO; ou por outra via dirigindo o pedido à Editorial da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES —

A mãe solteira exultou com a nova muleta no braço. Enquanto puder, e Deus quiser, descerá pelo seu pé ao centro da Vila.

— *É muito levezinha! Muito jeitosa!*

Os Pobres contentam-se com pouco, desde que os libertemos da exclusão, da marginalidade.

— *Tiveram uma boa lembrança! O Senhor vos leve pro Céu...*

São nossos advogados na Hora derradeira; e a sua oração é assim, directa, linear.

Naquela tarde já tínhamos acudido a um casal idoso que vive da magra pensão do Regime Especial sem hipótese de comprar, na botica, os remédios necessários à sobrevivência de cada um. E também a um pobre operário, aflito com o pagamento de multa por infracção quando seguia de motorizada para o trabalho.

— *Nesta altura é uma grande ajuda! Logo q'a gente possa, devolveremos a importância.*

COMUNICAÇÃO —

Vale a pena citar uma brevíssima citação de nota publicada, na Imprensa, por um sociólogo cristão: «*Reveste-se de particular gravidade a falta de informação minimamente satisfatória sobre a Miséria que campeia no País. «Contrariamente ao que em parte já acontece, por exemplo, com o desemprego, não se difundem regularmente informações, já disponíveis, sobre problemas sociais, incluindo as situações tratadas nos diferentes serviços de atendimento social. Tudo se passa como se, instintivamente, a sociedade se esteja a proteger a si própria, ocultando o que nela existe de mais preocupante.*»

PARTILHA — Assinante 113, Rua Domingos Pinho Brandão, Porto, «*envia o contributo relativo aos últimos três meses para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*»: trinta mil.

Mais cinco, da assinante 7769, também do Porto, «*em acção de graças pelo êxito obtido na operação a que meu marido foi submetido.*»

Três vezes mais, da assinante 57002, da Senhora da Hora, «*pequena migalha do mês de Junho que poderão distribuir como melhor entenderem*», pois aceita o critério da nossa acção.

Passou por cá, feliz, mais uma vez, no decorrer de vinte e tal anos, o simpático grupo de senhoras do Bom Sucesso — Aveiro. Puseram contas de muitos leitores d'O GAIATO em dia, e não esqueceram quem ajudamos.

Cheque da assinante 23311, de Setúbal, «*para ajuda das despesas dos Pobres — que não são poucas.*»

Agora mesmo, enquanto rabiscávamos esta nota, chega a nossas mãos a conta dos óculos doutra mãe solteira, sem os quais não poderia ganhar o pão de cada dia: vinte e seis contos.

Mais dez mil, de «*uma portuense qualquer*», relativos «*aos meses de Junho e Julho*». Retribuímos «*o grande abraço*» e votos de boas férias.

Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão: «*É sempre*

Pelas CASAS DO GAIATO

com prazer, embora infelizmente não tão frequentemente como desejaria, e os Pobres precisam, que junto um cheque de dez mil, com um abraço». Retribuímos com a amizade de sempre.

Outra vez, de Aveiro, pela mão da assinante 9983, trinta mil «*para ajuda das despesas duma cancerosa. Eu quero dar cinco por mês, mas acontece que me esqueço ou facitico e assim juntei seis meses.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As escolas estão reconstruídas, mas ainda falta a ligação da energia eléctrica.

PISCINA — Já começámos a frequentar a piscina. Todos os rapazes, excepto os mais pequenos...

PRIMEIRA COMUNHÃO E BAPTISMO — Foram dez, dos quais nove receberam a primeira Comunhão e Ângelo o Baptismo.

No fim do almoço foram a Fátima, ao Santuário de Nossa Senhora. Eles andavam muito contentes porque já podiam receber o Corpo de Deus.

O Ângelo, baptizado, também estava contente porque já podia abrir-se e falar com Deus. Esta festa foi no dia 23 de Junho.

CARA NOVA — Chegou o Emanuel, que tem dez anos, do Pego (Abrantes). Este rapaz vem muito marcado de casa. Ele e o irmão andavam por lá todo o dia e toda a noite sem comer!

SALA DE JANTAR — Está em obras. Mas no dia da festa da primeira Comunhão e do Baptismo preparámos as mesas e as cadeiras — tudo o que foi necessário.

Almoçámos, na nossa sala de jantar, leitão assado pelo Bandarra. Estes leitões foram crescendo nos currais. Continuando: houve batatas fritas e arroz. À sobremesa, bolo e outras guloseimas.

LAR DE COIMBRA — As aulas já acabaram e os rapazes estão ansiosos por boas notas e também para ver se transitam de ano.

De Miranda do Corvo passarão cinco: Renato, «*Branquinho*», «*Spide*», «*Dinossauro*» e «*São Romão*».

Esperamos que se habituem ao clima do Lar — que será calmo, se Deus quiser.

João «Pequeno»

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O primeiro tumo seguiu para Azurara no dia 24 de Junho. Regressará em 15 de Julho. Que se divirtam muito e não haja estragos nem problemas — porque são os mais pequenos...

Sr. EMÍDIO — Era um senhor muito bom que trabalhou em nossa Casa de Paço de Sousa, perto de 50 anos, como mestre de alfaiataria.

Deus chamou-o para a Sua beira. Rezemos para que esteja no Céu.

TELESCOLA — Os alunos foram em passeio a Braga. Divertimo-nos muito. Ficámos a conhecer a cidade e arredores, acompanhados das professoras D. Albertina e D. Helena.

ESCOLA PRIMÁRIA — Terminou o ano escolar e os que passaram estão felizes pelo seu esforço. Os outros... também queríamos passar.

JARDIM — Temos agora mais um, frente ao edifício da tipografia. O Neca está já a acabá-lo, semeando relva e colocando pedras antigas e outros enfeites no local. Fica tudo muito lindo!

PÊSSEGOS — Alguns rapazes foram aos pêssegos e ainda não descobrimos todos eles. Por isso ficámos três dias sem sobremesa porque a fruta é para todos e não para um ou dois.

FUGITIVO — O Rogério andou fugido porque infringiu a disciplina.

Já regressou. Esperamos que tenha recolhido uma lição para o seu futuro.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

TOJAL

PRIMEIRA COMUNHÃO E BAPTISMO — No dia 23 de Junho a nossa Casa esteve em festa porque cinco rapazes foram baptizados, pertencendo agora à família cristã, e dez receberam a primeira Comunhão.

FENO — Este ano, coisa que não nos falta é feno. Temo-lo com fartura. Graças a Deus.

OVELHAS — O nosso rebanho era muito reduzido, mas com a oportuna oferta de algumas ovelhas, tem agora mais ou menos 50 cabeças.

RETALHOS DE VIDA

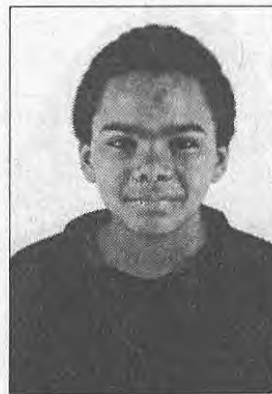
Bonga

Sou o Pedro Caliano Cardoso Garcia. Nasci em Maputo, capital de Moçambique, a 17 de Março de 1984.

O meu pai levou-me para os Açores e, depois, fui acolhido num Lar onde me aturaram durante três anos, muito melhor do que a minha gente...

As Irmãs do Lar conseguiram que eu viesse para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, no dia 28 de Setembro de 1992.

Pedro Garcia



A malta, cá de Casa, pôs-me uma alcunha: «Bonga».

Gosto de estar aqui. Frequento o 5.º ano do Ensino Básico e quero continuar a estudar para ser alguém, no futuro.

João Hingá

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pai Américo escreveu no *Pão dos Pobres*: «O visitante do Pobre faz das lágrimas tinta de escrever».

Não fora o não queremos quebrar o anonimato daqueles que visitamos, assim nos apetecia fazer.

Mas chorámos. Choramos, por muitas vezes nos sentirmos incapazes de resolver todos os casos de aflição que se nos deparam, na convivência com o Pobre.

Choramos por vermos que algumas famílias que visitamos há alguns anos, não melhoraram a sua maneira de viver.

Se não fosse a alegria dos poucos que nos dão a satisfação de os sentirmos realmente melhorinhos, tanto na sua vida material como espiritual, já as lágrimas nos teriam faltado para escrever estas poucas linhas.

Temos também a consciência de que, «quando se parte, dizendo que se vai fazer uma coisa, não se deve voltar sem a ter feito». Nós partimos um dia em socorro daqueles que de nós necessitam e não queremos voltar sem o termos conseguido.

REPARTIR O PÃO — Mem Martins, uma amiguinha que já nos habituou à sua presença e pede anonimato, manda um cheque de 20.000\$. Teresa Alves, roupas e cheque de 5.000\$. Uma professora reformada pede uma oração por situação aflitiva e envia um cheque de 12.000\$. Deus a atenda nos seus rogos. Assinante 9217, 5.000\$. Lisboa, H. Santana, 10.000\$. Anónima, de Fiães, cheque de 10.000\$. Vale de 5.000\$, de Maria, de Barcelos. Assinante 26152, 5.000\$.

Muito obrigado pelas ofertas.

Olga e Valdemar

FUTEBOL — Não temos recebido adversários. Mas para a ferrugem não aumentar, organizámos um pequeno torneio interno.

Informamos quem deseja competir connosco que avise com antecedência.

FESTAS — Já terminaram as nossas Festas.

Correram bem graças a Deus e ao esforço dos nossos rapazes e de quem nos ajudou. Para o ano se verá.

Arnaldo

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Quando se faz um convívio, além das actividades a ele inerentes, é o rever e recordar os bons e maus momentos (porque também houve) que passámos e o pagar com a nossa presença a uma Obra que nos preparou para a vida.

Vamos aos factos do que constou este nosso encontro: Logo de manhã, a recepção e o acertar de contas. Como este ano a Direcção cessava o mandato, seguiu-se a sessão, onde apresentou, pela palavra do presidente, a sua actividade, o que fez e o que não pôde fazer, salientando um ponto muito querido — a solidariedade, ou seja, o auxílio a antigos irmãos nossos em dificuldade, não só material como moral. Para a execução desse ponto apresentámos projectos a diversas entidades. No Governo Civil foi rece-

bida pelo próprio governador, que nos deu muita esperança, mas até ao momento não passou dessa mesma esperança. A única entidade que nos concedeu um subsídio foi a Câmara Municipal de Miranda do Corvo. Atribuiu 100.000\$. Obrigada ao ilustre Presidente e seus pares.

Ao falarmos de solidariedade, ninguém fique com dúvidas. Tenha a Associação meios e conhecimento de dificuldades de companheiros nossos, lá estaremos para ajudar. No entanto, a Obra que para nós foi Mãe, dentro das suas possibilidades não abandona os seus filhos.

Contas e Relatório foram aprovados por unanimidade.

Com o aproximar da Eucaristia dominical interrompemos os trabalhos para prosseguirem à tarde.

Na Eucaristia concelebrada pelos Padres João e Horácio, à homilia, o primeiro falou sobre o tema do Evangelho: o amor, palavra linda quando praticada no verdadeiro sentido.

Depois, o almoço compartilhado. Mesmo quem não o levou, não deixou de almoçar.

Seguiu-se a bica e o tradicional jogo de cartas, sendo o nosso Padre Horácio parceiro indispensável.

Voltámos ao prosseguimento da Assembleia. Os associados estavam alertados para a apresentação de listas, o que infelizmente não sucedeu. Um associado pôs na mesa uma proposta para extinção da Associação, proposta com lógica pelo desinteresse de muitos, mas rejeitada por unanimidade e com pedidos para que a actual Direcção prolongue o seu mandato. Contudo, entre os presentes, consegu-

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Capelas imperfeitas do nosso tempo

JÁ tínhamos vaga ideia da situação degradante daquela zona, sobretudo pelos pequenos que dali vêm para nossas Casas.

A Imprensa daqueles dias deu grande evidência à reunião, a alto nível, que se ia realizar e realizou. Esperámos com alguma expectativa, mas, no dia seguinte, folheámos os jornais e pareceu-nos que não chegaram a acordo imediato.

Passadas semanas, amigo de confiança aconselhou a irmos por ali dar uma volta. Fomos numa tarde, a seguir a uma manhã chuvosa. Meu Deus!... O que por lá observámos!...

Um número elevado de prédios, de muitos pisos, construídos e inacabados. Sem telhado, sem portas, sem janelas, sem rebocos. Pedacos de madeira podre, papelões, plásticos, latas, toalhas velhas, tudo serve para vedar a chuva e evitar o vento e o frio.

Milhares de famílias estão ali instaladas, a maior parte de África. Sem o mínimo de condições para ali viverem: sem água, nem luz nem modos de limpeza. Quem poderá ter uma vida decente naquele ambiente?!

Grupos e grupos de pessoas, a maior parte jovens, espalhados aqui e ali. Dizem que se consome e negocia, ali, muita droga; e há muita prostituição. Não há ruas nem urbanização. Todos os caminhos são de lama. Como de lama são muitas daquelas vidas.

À volta, barracas sem conta construídas à toa. Um dos nossos pequenos ao ver uma fotografia apontou com o dedo,

exclamando: — *Olhe aqui a minha barraca!* A sua voz foi de espanto e de certa alegria, diante do mundo que tem sido o seu.

Dói-nos o coração saber que muitos dos nossos foram criados e vieram daquele ambiente e muitos outros por ali vegetam os dias de vida que vão tendo. Tudo aquilo é medonho!...

Regressámos tristes e recordámos, quando em visita a casas do Património dos Pobres, ter passado no lugar onde se deu o acidente que vitimou Duarte Pacheco. A primeira vez que ali passámos com o Padre Américo, ele

mandou parar o carro e, após uns momentos de oração, exclamou: — *Este Homem fez muita falta à Nação!* Homens como este deitariam mão àquela obra.

Há dias, contemplámos mais uma vez as *capelas imperfeitas* da Batalha. Vê-se que é obra que não está ao alcance do nosso tempo. Mas estes bairros, assim degradados, são sinal de que não há homens com verdadeira sensibilidade humana. Homens com coragem.

Padre Horácio



Um dos blocos.
Eles são tantos!...

PASSO A PASSO

Valores escondidos

COMO a verdade é saborosa! Como a verdade liberta e aproxima os homens...! Vieram-me dizer que o Nandinho tinha ido às ameixas. A fruta está na ordem do dia entre nós. Nesta sociedade concorrencial, enquanto muitos a deitam ao lixo, nós fazemos dela escola de virtudes.

Pois chamado o Nandinho, perguntei se era verdade que tinha ido às ameixas. No seu ar terno e muito menino disse que sim: — *Fui!*

Já esperava esta resposta. De facto, este «Batatinha» sempre tão irrequieto pelo muito tempo que vagabundeou pelas terras de Matosinhos à procura da mãe, havia já gravado no passado, em meu coração, esta certeza: o Nandinho fala verdade!

Claro que o castigo que lhe havia de dar só podia ser: um beijo dado disfarçadamente. Um tesouro destes não se pode expor abertamente a quem o possui; poderia encher-se de vaidade o que iria destruir a virtude. Então, dá-se-lhe o prémio assim, escondidamente, para que nem o próprio repare, pois também ele me deu a alegria sem que a sua mão esquerda o tivesse sabido.

Os grandes valores andam assim — escondidos. Têm de andar. São tesouros. Um tesouro que não esteja bem guardado corre risco iminente de ser roubado. Guardado mas não fechado. Pronto sempre a comunicar-se para outros enriquecer, sem no entanto se desvalorizar.

Como quero que o Nandinho conserve este tesouro que possui e mo vá comunicando! Bem escondidinho, mas sempre autêntico. Quantos cuidados hei-de ter para que esta jóia brilhante não se ofusque?

Bem diz o Senhor: — *Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus.*

Padre Júlio

Continuação da página 1

Já conheço o p, t, l, m, c, d, r, s, v, embora algumas destas letras não estejam ainda bem consolidadas, o que me leva a fazer um pouco de confusão. Mas esta situação há-de ser vencida. Sabe que respondo adequadamente a perguntas simples de interpretação?

Na área da Matemática já adiciono. Se as continhas forem apresentadas com símbolos, eu efectuo-as, pelo menos dentro do limite de 5.

E desenhar? Ah!, como eu consegui sair de um cantinho e expor-me no meio da folha?

Eu quero 'viver' nesta Páscoa/96 e quero que o Senhor Padre se reveja neste meu desenvolvimento.

O amigo Igor.»

A mensagem vem ilustrada com um palhaço que o Igor pintou e duas palavras

Notas do tempo

de legenda: ALEGRIA — AMIZADE.

Dos companheiros do Igor, idênticos relatos.

Eu nunca tinha visto coisa assim, tão rica de delicadeza, tão carinhosamente imaginada, tão humanizada!

Muito obrigado, eu, sim, à Monitora.

E aqui fica o modelo, para contraste do *peco e seco* do estilo relatorial.

2 Outro momento positivo que o ler proporcionou, deu-mo o livro A IGREJA EM MOÇAMBIQUE NA HORA DA INDEPENDÊNCIA que

D. Francisco, primeiro Bispo de Quelimane, há pouco publicou. São páginas de História vivida por quem nunca teve, nem terá, outra

condição que não seja a felicidade total dos homens — com especial calor a daqueles que foram o alvo da sua missão de Pastor — de todos os homens, sem qualquer distinção, que o ser humano e o seu destino eterno é pólo

essencial da unidade que os acidentes das diferenças não podem neutralizar.

Quem viveu essa hora que havia de ser bela e foi tão dramática (Padre José Maria sofreu-a na carne, em risco de vida) e hoje, chamado por quem o rejeitou, continua a viver, a dar a vida por minorar dramas que são, e serão por muito tempo, projecções daquela

hora, não pode deixar de rever-se nestas páginas serenas, escritas com a preocupação da Verdade e com a discreção da Caridade.

Suponho que, hoje, já não haverá atrevimento capaz de chamar de «exemplar» o *como se fez* o que, sem dúvida, devia ser feito. Os vinte e um anos que passaram, não deram maioridade a ninguém — se é que maioridade significa independência no pensar e no agir, autonomia

autêntica no governar-se! O que poderia ser hoje, vinte e um anos depois, se de todos os quadrantes se tivesse agido com cabeça...!

Pena é que *alguma* Igreja tivesse embarcado no desvario. Decerto já se penitenciou... E afinal, é a Igreja, malsinada e maltratada

então como «inimiga» do Povo, a força que persiste a minorar o drama, a procurar progresso — o aliado mais verdadeiro e incondicional que o Povo tem.

O Povo sabe e reconhece, quanto é capaz.

Padre Carlos

Malanje dia-a-dia

«Mãe» da nossa Casa

7/6/96 Partiu hoje para férias a mãe da nossa Casa — D. Maria do Céu. Foi um ano cheio de canseira, porém, compensado pelo carinho... Todos lhe chamam mãe.

— *A mãe não volta?* — foi um pequenito.

Como não, se todos nos habituámos à sua presença eficiente e amiga, que deu à nossa Casa uma nova vida?!

Tantas senhoras que se sentem vazias e inúteis... Tão fácil a sua realização se tiverem a coragem de saltar. Recta intenção e fé. Esta fé não é um barco confortável onde nos podemos instalar para a travessia do rio... É o «tal» tronco escorregadio a que nos agarramos — precisando mesmo de nadar quando ele se nos escapa.

Deixa tudo que pouco vale, se tiveste a dita de encontrar o tesouro.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho: 71.725 exemplares.

Comentário de um alemão

10/6/96 Gostei, hoje, de ouvir comentar a um senhor alemão:

«*Não são necessárias armas a uma nação, um partido ou um ditador. Basta uma rede de televisão dirigida para fazerem das pessoas um bando de escravos.*»

Assim é. Se cada um não se precavê e guarda a sua liberdade, ele a vai perdendo sem dar por tal:

Comprará o automóvel que eles querem; deitará a máquina de lavar ao lixo porque a esposa quer aquela que todos os dias lhe mostram; irá adquirindo hábitos e ideias que não eram as suas; beberá filmes de sexo e violência que as grandes redes de lucro vão impingindo.

Estamos já vendo, em tantos países, os cidadãos dizerem sim quando os meios de comunicação fazem sinal de sim; e não, quando acenam o não.

Rebanhos dóceis e manipulados por ideologias plastificadas ou pelos reis do consumismo.

Imperativo e urgente o saíres do rebanho, subires a um monte, sentares-te numa rocha — e seres tu.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Aquele homem rico da fábula que mandou fazer uma casa forte para guardar seus cabedais, com porta falsa só dele conhecida, um dia entra a dar balanço, gozar seus dinheiros, lançar programas de vida, *epulare*; e vai, a porta fecha-se de repente! *Quid prodest?* Para que presta o dinheiro? Morreu tisonado ao pé dele!

PAI AMÉRICO

SETÚBAL

Espírito de Pobreza

A pobreza é uma virtude tão santa que poucos lhe tocam. No seu tempo, o Padre Américo sentia bem a dificuldade. E ele próprio, que quis ser pobre, preferia viver com os Pobres a instalar-se no voto de pobreza. A devoção por esta nobre virtude e o caminho para a alcançar foram das me-

lhores heranças que nos deixou.

O Espírito de Pobreza leva-nos a distinguir claramente o Pobre do Miserável. É fácil ajudar um Pobre, é muito difícil promover o Miserável.

Um coração pobre vê facilmente onde se encontra o homem arrastado pelo espírito de pobreza, quer o rico de bens materiais quer aquele que vive em situações precárias.

Tanto um como o outro podem sofrer o domínio dos

bens que disfrutam ou desejam possuir.

Como é difícil a um rico perceber a realidade do Reino de Deus?

— É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha!

Levado pelo marido da nossa Veterinária, que de graça e prontamente cuida do nosso gado, fui até ao bairro Seis de Maio, na Amadora, examinar, como sempre faço, o caso dum miúdo de dez anos já na marginalidade.

O Seis de Maio é uma autêntica fortaleza de degradação. Classifico-o assim porque ele é mesmo. Entrei lá porque levava comigo o referido pequeno e a senhora professora que havia sido também professora do marido da nossa Veterinária. Eram eles que nos abriam as portas. Como me deleito ao encontrar mulheres com o sentido do humano!... Como gozo ao vê-las aflitas em situações como esta e verificar que o homem, mesmo muito degradado, percebe no seu íntimo e deixa-se vencer por esta força escondida. A polícia não entra no baluarte, mas a professora sim. As ruas cimentadas ou terra

batida têm um metro de largura. No ziguezaguear até chegarmos à barraea do Ricardo encontramos vários grupos de pessoas novas a conversar, a jogar às cartas, aproveitando os largos que não têm mais de dez metros quadrados. Ouve-se música e as televisões estão ligadas. O cheiro característico destes bairros domina completamente a atmosfera. Dentro e fora das casas abarracadas a intensidade do odor não se diferencia bem. Era meio-dia quando batemos à porta. A mãe e uma irmã ainda dormiam! Pudera!... — se elas fazem da noite dia... forçosamente terão de fazer do dia noite.

Os cerca de vinte mil habitantes daquela cidadela situada numa baixa e rodeada de fábricas e habitações, vive de expedientes, poucos do trabalho: traficância de droga, prostituição, roubo, etc.

Apesar de tanta pobreza, toda a gente é dominada por um espírito de riquismo: a ânsia do dinheiro fácil. As televisões e a rádio incendeiam-lhes a alma.

O Ricardo já veio. As aventuras que nos seus dez anos o envolviam, são de

passar. Com duas chaves abria todos os carros que quisesse.

Come comigo. Já aprendeu a não deixar restos no prato. O espírito de pobreza que aqui vivemos, há-de fazer dele um homem.

A pedido dum antigo gaiato fui presidir à celebração do casamento dum familiar da sua esposa. Com medo de me esquecer — já não era primeira vez — pedi que me viessem buscar. O motorista levou-me, no caminho, a casa da noiva. Entrei num condomínio de moradias, muito bem delineadas. Aposentos amplos. Jardins ao meio. Campo de ténis e piscina. As casas de primeiro andar voltadas com a frente umas para as outras, em duas alas e jardim central com passeios em calçada, facilitam a convivência e a defesa.

Como gostei de ver!... Será isto vida de qualidade? Como seria bom que toda a gente pudesse usufruir de ambientes habitacionais assim!

Também aqui encontrei uma verdadeira fortaleza. Entrada com portão único, alto, de fortes grades em ferro.

A situação é arejada, numa encosta, afastada da vila e rodeada de campo e árvores.

A área ocupada por estas vinte e quatro famílias é dimensão sensivelmente igual a aquela onde vivem as vinte mil pessoas. O espírito de riquismo também muito semelhante. Como resolver este contraste? São situações de verdadeira guerra que nada resolve, mas que já está no terreno.

Apetece-me ir com os meus rapazes por esse mundo fora fazer a nossa Festa em todos os lados.

Com a sua simplicidade e fundura ela esclarece que há um equilíbrio — fonte de paz e de harmonia: o Espírito de Pobreza; o qual não vem dizer aos pobres que têm direito às casas dos ricos, nem aos ricos que podem viver descansados nas suas praças fortes, mas que todos temos de caminhar na «conquista» dum coração pobre. É uma revolução pacífica, mas urgente. É forçoso promovê-la para salvação de todos. Nós damos o nosso contributo.

Padre Acílio

DOCTRINA

Doutrina de tarimba vale tanto como Coimbra



OLHE, já não vou. Desde que me informaram que teria de produzir uma conferência a um auditório de circunstância, resolvi deixar-me ficar e dizer aqui o que se me oferece; talvez com mais proveito e seguramente com menos despesa. Não falta quem faça discursos. E para que a crónica de hoje forme no ânimo dos leitores e no de V. também, ideias revolucionárias, escrevo-a intencionalmente diante de Jesus Crucificado por Quem há muito me apaixonei.

A necessidade de distribuir sopa ao povo de uma terra industrial (Manchester de Portugal, lhe chamam) é problema que jamais deveria ser posto; nem se resolve com Sopas. Porém, enquanto se espera o remédio venturo num parto que cansa o mundo, institua o meu amigo nessa cidade, em vez da parada dos cacós e dos púcaros das costumadas Sopas dos Pobres, uma Cozinha Económica com sucursais, se considerar isso medida avisada. A Cozinha Económica é uma forma aiosa de ajudar, com aprumo, respeito e eficácia, o operário empobrecido. O preço das refeições tem de ser baseado nas actuais disponibilidades deles e jamais no custo da vida. O director da obra há-de ser pessoa a quem doa a dor do Pobre, capaz de cobrir o que faltar com o seu próprio sangue — acção supletiva. Deve mendigar. E, se lhe disserem que não, passe à frente, atire-se ao mar, como fez Pedro — e Jesus dá-lhe a mão.

NÃO se trata de uma empresa que dê. O negócio da cozinha é justamente dar. Ele há umas certas comissões que ordinariamente se elegem para estes e idênticos fins, compostas, em regra, por indivíduos hirtos e bem comidos, a quem nada falta, pouco se lhes dando que aos mais falte tudo. Cautela! O zelo destas comissões dificulta imenso e, por vezes, até inutiliza o esforço de quem procura trabalhar. Algarismos é o que importa, sendo de muito pouca monta o bem dos naufragados. Cautela, meu senhor! Fuja delas a quatro pés, que eu tenho feito na mesma e nunca me arrependi. Falar deste modo acerca de comissões não é de maneira nenhuma derrotar, mas sim apontar defeitos de construção. Elas são um mal necessário; por isso mesmo importa fugir-lhes, se quisermos dar rego certo.

FAÇA refeitórios amplos no centro dos aglomerados pobres, com asseio, luz e muita sobriedade. Dê pão com abundância. Se, para este fim, conseguir qualquer verba da Assistência Social, respeite e poupe esse dinheiro que é sangue de portugueses. Quantas mulheres dos nossos campos não empenham as arrecadas, na maré das contribuições! Quantas, meu senhor! Os homens que riscam obras de assistência, por conta da Assistência, devem pensar e compreender assim antes de riscar. Ora aqui tem, meu senhor. Se houver aí quem sobre as cinzas, verá que brasileiro não vai debaixo desta doutrina. Seja revolucionário!

O. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

BENGUELA

A nossa vida não é um mito

VAMO-LO sentindo, dia-a-dia, na própria carne. Viver com os pés bem assentes na terra, com o povo a quem procuramos acompanhar, é condição a que não podemos fugir. E, se alguma tentação vier noutra sentida, a realidade se encarrega de nos pôr no lugar.

Isto vem a propósito de um facto grave que se deu em nossa Casa, nos últimos dias. Eram 11 horas da noite. A Casa toda estava mergulhada em silêncio. Aproveitando a hora sossegada, ia batendo à máquina as notas da última crónica vinda n'O GAIATO. De repente, ouvem-se tiros. A princípio, julguei tratar-se de tiros anárquicos dos guardas das hortas vizinhas, como acontece muitas vezes. Mas não! O tiroteio persiste, aumenta de violência e é cada vez mais próximo. Tratava-se dum grupo numeroso, organizado e bem armado de marginais que pretendia assaltar o curral do nosso gado. A violência dos tiros com armas automáticas destinava-se a amedrontar qualquer iniciativa de defesa. Onde estava a nossa defesa? Onde está, agora? Os nossos guardas, com a tarefa de proteger a Casa de qualquer abuso normal, não estavam preparados para enfrentar uma situação de tamanho volume. Dois deles reagiram: um foi morto e o outro matou um assaltante. Acontecimento triste e muito doloroso, pelas consequências. É verdade que, há um tempo para cá, estes roubos têm sido uma constante. A carne, agora, é como um diamante, de tão cara que está. Mas ninguém contava com um assalto quase dentro de portas. O gado que estava dentro do curral foi todo roubado.

Entretanto, quando pensava que tinha chegado a hora de repousar um pouco na busca permanente de carne para a nossa alimentação; quando pensava que tinha chegado a hora de nos auto-sustentarmos, pelo trabalho feito, ao longo dos três últimos anos, há que voltar ao princípio e retomar o caminho com a mesma Fé e a mesma Esperança. É esta a disposição que nos anima.

Onde está a autoridade credível a quem recorrer? Não sei. A nossa vida não é um mito. É feita da mesma massa que a vida de qualquer família, de qualquer cidadão. Este acontecimento faz-nos mergulhar mais na sorte deste povo. Aproxima-nos mais dele. Identifica-nos mais com ele. Neste aspecto é um acontecimento salutar para nós e para ele, habituado como está a ver em nós seres super-protegidos. Participamos da mesma aventura de segurança e insegurança que caracteriza a vida social, no momento presente. Por isto damos graças a Deus!

Um acontecimento que nos faz mergulhar mais na sorte deste povo

Foram roubadas mais de 50 cabeças de gado autóctone. Ficaram alguns vitelinhos, bem guardados na hora do assalto, mais o grupo pequenino de vacas leiteiras, aqui referidas numa das últimas crónicas dos rapazes. Este tipo de animais não interessa aos assaltantes, por ser pesado e muito lento para a caminhada longa até ao lugar da matança.

Estamos perante um fenómeno social, em Angola, na hora presente, pela dimensão que tem. É bem o reflexo do estado da sociedade angolana, hoje, geradora de criminosos, dado o estado de desagregação a que chegou. E é nesta sociedade que estamos metidos como fermento no meio da massa para levedar. Oh, quem nos dera que assim seja! É a missão nobre que nos toca. Que o Senhor de tudo nos faça levantar sempre a nossa cabeça!

Demos um salto a Moçambique

Logo, de seguida, Padre Telmo mais eu demos um salto a Moçambique, em visita à nossa Casa do Gaiato de Maputo. Foram oito dias de contemplação das coisas lindas que Deus faz através das pessoas que acreditam e confiam n'Ele. Foi assim, desde o princípio, com Padre José Maria e Irmã Quitéria. Começou tudo do nada, com o povo e para o povo. Apetece-me dizer que a Casa do Gaiato, ali, começou a ser construída no coração do povo para os filhos da rua. Estou a lembrar-me do que foi no princípio: Pai Américo iniciou as Casas do Gaiato no coração dos Pobres das barracas de Coimbra e foi dar ao garoto da rua. Muito está feito, rodeado de tanta beleza! Há muito para fazer. Mas a vontade dos timoneiros do barquinho é muito forte.

Um sopro de vida que fomos receber para a nossa vida!

Padre Manuel António